



**FaE**  
*Faculdade de Educação*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI  
HABILITAÇÃO LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA

EDNA ALVES DE BARROS  
ROSELI GONÇALVES DE OLIVEIRA SEIXAS FERRO

**LUTO: CIÊNCIAS, CRENÇAS E SABEDORIA DO POVO XACRIABÁ**

Belo Horizonte – MG

2020



**FaE**  
*Faculdade de Educação*

EDNA ALVES DE BARROS  
ROSELI GONÇALVES DE OLIVEIRA SEIXAS FERRO

## **LUTO: CIÊNCIAS, CRENÇAS E SABEDORIA DO POVO XACRIABÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

**Orientadora:** Profa. Dra. Clárisse Maria Castro de Alvarenga

Belo Horizonte – MG

2020

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente à Kankere Akwã por nos ter permitido chegar até aqui.

A todos os nossos familiares por nos incentivar e dar a maior força para nunca desistir dos nossos sonhos. Em especial aos nossos esposos que durante essa trajetória de curso deram a maior força desde o início nos ajudando nas horas de entrevistas e ainda cuidando de nossas crianças nas nossas ausências.

Aos nossos filhos por serem fontes de inspirações.

Aos nossos entrevistados: Devair Muniz da Silva, Dioclécio Gomes de Araújo, Dominga Seixas Ferro, José dos Reis Lopes da Silva, José de Araújo Sousa, Natalina Seixas de Oliveira, Santinha Gomes de Oliveira, Valdemar Ferreira dos Santos. Todos que muito nos ajudaram na realização deste trabalho.

Aos caciques e lideranças por terem nos confiado a representatividade das nossas comunidades no curso.

Aos nossos colaboradores nosso ariãtã por nos ajudar durante a conclusão deste trabalho.

Aos nossos professores, bolsistas, coordenadores da turma e do curso, e colegiado.

A todos os colegas do curso do povo Xakriabá, Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe, em especial aos nossos colegas inesquecíveis da turma da LAL-2016/2020.

## RESUMO

Este trabalho de finalização de curso apresenta informações sobre o resguardo do luto do povo Xakriabá. Nosso objetivo foi registrar os costumes e as práticas tradicionais sobre o assunto, assim mostrando a importância da preservação desse conhecimento para o nosso povo, a fim de conscientizar sobre a necessidade de manter a preservação dos mesmos. Para chegar aos nossos objetivos foram realizadas oito entrevistas, fotografias, filme, desenhos e leitura de referências bibliográficas. Esperamos que esse trabalho seja uma contribuição que deixaremos registrada para as nossas futuras gerações, pois vendo que a maioria desses conhecimentos está com os nossos velhos, decidimos registrar no papel, porque se um dia eles partirem, as futuras gerações terão suas fontes de pesquisas e assim conhecendo mais sobre o modo de vida dos seus ancestrais.

**Palavras-chave:** Terra Indígena Xakriabá; Espiritualidade; Resguardo; Respeito; Luto.

## **SOBRE AS AUTORAS**



Figura 1 -Imagem das autoras fonte Edgar Xakriabá setembro de 2019

Nós somos do território indígena xacriabá, no município de São João das Missões, que fica no Norte de Minas Gerais. Somos professoras em nossas aldeias e estudantes do curso de formação intercultural para educadores indígenas na UFMG, habilitação Línguas, artes e literatura (LAL)

### **EDNA**

Sou Edna Alves de Barros, tenho 31 anos, nasci na aldeia Riacho do Brejo, Terra Indígena Xakriabá, Município de São João das Missões – MG na qual moro até hoje sou casada e tenho 4 filhos.

Venho de uma família humilde e batalhadora. Passamos por muitas dificuldades. Uma delas foi a perda do meu pai quando eu ainda era pequena. Minha mãe, mulher guerreira, sempre nos incentivou a estudar.

Comecei a estudar aos meus 7 anos de idade aqui na Aldeia Riacho do Brejo com os próprios professores indígenas. Estudei também um certo período na cidade

de Itacarambi e depois retornei ao território e conclui os meus estudos em 2008 aqui na aldeia.

Sempre fui uma pessoa sonhadora que nunca desisti de meus sonhos.

Em 2010, comecei a trabalhar na educação como professora, sendo um desafio muito grande. Pois ser professor indígena é um desafio, além de trabalhar com livro didático ainda tem que ensinar os conhecimentos dos mais velhos, pois esses conhecimentos culturais e que dão sentido à nossa escola indígena diferenciada.

No ano 2016, conclui o magistério Indígena Xakriabá na aldeia Brejo Mata Fome. Ainda neste mês ano em agosto iniciei o primeiro módulo de curso na Faculdade de Educação da UFMG, a Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas na turma de Línguas, Artes e Literatura.

Dentro deste curso estou carregando uma bagagem muito grande de conhecimento e além disso a satisfação de muitas amizades conquistadas.

## **ROSELI**

Sou Roseli Gonçalves de Oliveira Seixas Ferro, tenho 30 anos, nasci em Itacarambi- MG e moro na aldeia Riachinho. Sou casada e tenho três filhos.

A minha maior influência vem do meu pai que muito me aconselhou para que eu pudesse concluir meus estudos, e sempre me falava pra mim nunca abandonar meus estudos.

E foi isso que fiz, ouvindo o que ele falou: eu nunca vou desistir dos meus estudos.

No ano de 1997 comecei a estudar a 1ª série do ensino fundamental. Do primeiro ao quarto ano estudei na cidade de Itacarambi. Do quinto ao nono ano estudei na aldeia Riachinho na escola estadual indígena Bukimuju.

No ano de 2012 conclui o ensino médio na aldeia Brejo Mata Fome na mesma escola sede.

Em 2013 conseguir uma vaga para atuar como professora na aldeia, desde então até hoje continuo atuando no cargo. Enfim, ser professor indígena é um desafio muito grande, pois temos que trabalhar com livros didáticos, mas não podemos deixar de fora os conhecimentos dos mais velhos.

Em 2015 prestei vestibular para a licenciatura intercultural para educadores indígenas da Faculdade de Educação da UFMG onde fui classificada para a área de

Línguas, Artes e Literatura. No ano de 2016, concluir o magistério indígena, e neste mesmo ano, no mês de agosto, iniciei o primeiro modulo do curso do FIEI.

Dentro desse curso eu me deparei com uma diversidade de saberes, pois vejo o conhecimento acadêmico e ao mesmo tempo a realidade indígena dentro da Faculdade, pois os conhecimentos dos nossos mais velhas e a valorização da nossa cultura é sempre valorizada e respeitada.

Minha participação na aldeia é bem ativa pois sou uma pessoa que estou sempre presente em eventos na comunidade, estou sempre ajudando o pessoal da minha comunidade a buscar melhoria para a nossa aldeia.

A minha expectativa é que através desse trabalho podemos mostrar para os jovens como era mantido o resguardo do luto, mostrando assim a prática da pintura do tecido com o barro preto, uma das práticas que veio sendo adormecida com o passar dos anos. Esperamos também fazer com que os nossos velhos reativem suas memórias através desse material produzido.

Espero que no futuro possamos andar todos juntos unidos e conquistando muitas conquistas. Espero ajudar a minha comunidade para que possa ter um grande avanço.

**ARIÃTÃ**

## LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ



**Figura 2 - Figura 2 - Mapa da Terra Indígena Xakriabá Fonte: Conflitos 2013**

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais e aproximadamente 750 km da capital Belo Horizonte. A TI Xakriabá se encontra hoje com cerca de 53 mil hectares, distribuída em 36 aldeias.

A população Xakriabá, segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 2003 era de aproximadamente 6.500 habitantes. Mostramos esses dados para ver o aumento da população de 2003 até 2017.

De acordo com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), em 2017, esse número era de aproximadamente 10 mil habitantes. Em 14 anos podemos perceber que o número de indígenas Xakriabá teve um aumento significativo.



## LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Imagem das autoras fonte Edgar Xakriabá setembro de 2019 .....	5
Figura 2 - Figura 2 - Mapa da Terra Indígena Xakriabá Fonte: Conflitos 2013 .....	8
Figura 3 - Sr.Pajé Deda, Aldeia Imbaúba Território Xakriabá, Agosto de 2019. Fonte: Edna.....	15
Figura 4 - Sr. Devair, Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Agosto de 2018.Fonte: Edna.....	15
Figura 5 - Sra.Natalina, Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Setembro de 2019. Fonte: Nilsa .....	16
Figura 6 - Sra.Santilha, Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Abril de 2019. Fonte: Roseli .....	17
Figura 7 - Sr.José dos Reis, Aldeia Pedra Redonda, Território Xakriabá, Agosto de 2019.Fonte: Edna.....	17
Figura 8 - Sr. Valdemar Aldeia Prata, Território Xakriabá, Agosto de 2019.Fonte: Edna.....	18
Figura 9 - Sra.Dominga Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Agosto de 2018.Fonte: Edna.....	19
Figura 10 - Sr. Dioclécio Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Agosto de 2019.Fonte: Edna.....	20
Figura 11 - Barro Preto Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Agosto de 2019.Fonte: Edna.....	28
Figura 12 - Passo a passo do processo do tingimento do tecido com o barro 2019. Fonte LAPA.....	29
Figura 13 - Pajé deda, Fonte LAPA.....	32
Figura 14 - Desenhos de Alimentos, Setembro de 2019, Desenho feito por Célia.....	39

Figura 15 - Desenho de Homem limpando a roça, setembro de 2019, Desenho feito por Célia .....	41
Figura 16 - Desenhos de Objetos (banco, candilheiro, tamborete), setembro de 2019, Desenho feito por Célia .....	43
Figura 17 - Desenho de um Giral com uma trouxa de pano em cima, setembro de 2019, Desenho feito por Célia .....	44
Figura 18 - Desenho de um Homem jogando futebol, setembro de 2019, Desenho feito por Célia .....	44
Figura 19 - Desenho de uma Mulher varrendo a casa, Setembro de 2019, Desenho feito por Célia .....	49

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Tempo de bater o Maracá .....	31
Tabela 2 - Tabela dos alimentos com período de resguardo .....	38
Tabela 3 - Tabela de quantidades de tempos para resguardar quando perde um parente .....	45

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1	<b>Nossa biblioteca viva</b> .....	14
2	<b>CAPÍTULO 1 - OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E CIENTIFICO: O SUICÍDIO</b> .....	23
3	<b>CAPÍTULO 2 - O enlutar Xakriabá e o uso do barro</b> .....	26
4	<b>CAPÍTULO 3 - O RITUAL DO LUTO</b> .....	30
4.1	<b>O maracá</b> .....	30
4.2	<b>Cores de Pinturas corporais</b> .....	31
4.3	<b>Cantos</b> .....	32
4.3.1	<b>Cantos do terreiro toré</b> .....	33
4.3.2	<b>Canto sobre a nossa protetora (onça)</b> .....	33
4.3.3	<b>Canto para abrir os trabalhos</b> .....	33
4.3.4	<b>Canto sobre a árvore jurema</b> .....	34
4.3.5	<b>Cantos sobre o maracá</b> .....	36
4.4	<b>Alimentação</b> .....	36
4.5	<b>Cor de roupas</b> .....	41
4.6	<b>Família e os objetos pegos emprestado durante o velório</b> .....	42
4.7	<b>Velório e enterro</b> .....	47
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
6	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

Decidimos pesquisar este tema devido à necessidade de registrar a sabedoria, as ciências e as práticas dos nossos mais velhos sobre o luto, afim de conscientizar os jovens a entender o porquê de respeitar essa prática do nosso povo. Pretendemos proporcionar um conhecimento para as outras pessoas que passarão a entender o significado dessa tradição que faz parte da cultura do nosso povo.

Desenvolvemos o trabalho juntas devido o interesse em aprofundar os nossos conhecimentos sobre o tema e por vivenciarmos durante a jornada desse curso muitos momentos de luto, que interferiam até no nosso dia-a-dia longe das aldeias. O luto também interfere na escola, sendo que no dia que falece alguém de outra aldeia próxima a escola para todas as atividades e todos os servidores e alunos vão dar assistência para aquela família que perdeu um membro.

Reconhecemos que o tema é de grande relevância para que nós pudéssemos fazer um estudo, entender e mostrar o porquê desse resguardo. Entrevistamos algumas pessoas, entre elas estão: Pajé, pessoas mais velhas, liderança e Diretor de escola. Eles foram procurados por serem considerados pessoas conhecedoras no assunto aqui abordado.

Este trabalho de percurso, cujo tema é Luto: Ciências, Crenças e sabedoria do povo Xakriabá procura mostrar uma das práticas tradicionais da cultura do nosso povo que já vem sendo respeitada desde os nossos ancestrais. O povo Xakriabá mantem a ciência e sua sabedoria como um modo de preservar a memória.

Uma das práticas fundamentais que abordamos neste trabalho é o uso do barro, que era muito usado antigamente pelos nossos mais velhos sendo na pintura de roupas, pinturas de casa e até mesmo na fabricação de adobe. Este barro é encontrado em área de vereda em um ambiente mais úmido. Antigamente tinha mais facilidade de encontra-lo. Nos dias atuais foram aterrando e ficando assim cada vez mais fundo e mais difícil de encontrá-lo. Mas em algumas aldeias ele ainda é encontrado, como, por exemplo, na aldeia Riachinho, Embaúba, Barreiro, dentre outras. Queremos aqui mostrar o significado desse uso durante esse período e essa interligação do luto com o território, sobretudo, por meio do barro.

Antigamente os nossos mais velhos não compravam roupas. Eles próprios teciam as suas roupas com o algodão e quando ocorria um período de luto, as pessoas iam a um certo local cavavam um buraco onde encontravam o barro preto, colocavam a peça de roupa e deixavam ali por um determinado tempo. Depois, tiravam, lavavam e passavam na água com raspa de muçambé. O muçambé é uma árvore que se encontra mais no tabuleiro.

Essa prática da pintura do tecido com o barro foi um conhecimento muito grande que nós passamos a ter com este trabalho e que foi fundamental e rico para nosso trabalho de pesquisa. Hoje essa prática não está sendo mais usada. Devido à melhoria de vida do povo, os tecidos e roupas são compradas já prontas. Antigamente tudo era natural. As pessoas mesmo fabricavam suas próprias vestimentas. Queremos aqui deixar registrado em escrita, fotos e vídeos para que futuramente nossos jovens possam conhecer como eram as práticas dos nossos antepassados.

No dia de Finados, em novembro de 2019, convidamos nosso pajé Deda (sirepté), lideranças Edvaldo, Mauricio e os mais velhos da aldeia para retomar essa tradição. Ainda tivemos também a participação de algumas crianças que despertaram a sua curiosidade sobre o assunto. Fizemos uma gravação em vídeo na aldeia Riachinho. O ritual de cavar para encontrar o barro, enterrar a roupa foi feito para que pudesse ser filmado. Depois de três dias, voltamos para filmar os resultados. Outras práticas como o cordão de São Francisco e a prática de fazer a candeia de cera também foram filmadas na mesma ocasião. Foi um momento de união em que reunimos todos em torno da rememoração das práticas do luto.

Por isso, além desse trabalho escrito, nosso percurso envolve um vídeo que foi feito por nós no Laboratório de Práticas Audiovisuais (Lapa), projeto de extensão ao qual estamos vinculadas. Para o vídeo contamos com a colaboração de Nilsa, professora da aldeia Riachinho, Nemerson professor da aldeia Brejo, Ramildo professor de cultura e Edgar Xakriabá.

Sabemos que os nossos velhos são as nossas bibliotecas vivas e para nós é importante registrar essa memória para que não se perca, pois faz parte da nossa cultura. Acreditamos que esse material pode ser usado nas escolas onde estamos e nas outras aldeias também.

## 1.1 Nossa biblioteca viva



Figura 3 - Sr.Pajé Deda, Aldeia Imbaúba Território Xakriabá, Agosto de 2019. Fonte: Edna

José de Araújo Souza conhecido como pajé Déda ou pelo seu nome indígena Sirepté nasceu em uma parte da aldeia Brejo Mata Fome, que passou a ser Imbaúba. Continua morando nessa mesma aldeia até hoje e atualmente exerce a profissão de professor de cultura na escola estadual Indígena Bukimuju. Ele baseia suas aulas naquilo que aprendeu dos conhecimentos tradicionais com seus pais e avós e recentemente desenvolve trabalho como pajé.

Decidimos entrevistá-lo por ter bastante conhecimento sobre o respeito ao luto dentro do ritual Xakriabá.



Figura 4 - Sr. Devair, Aldeia Riachinho Território Xakriabá, agosto de 2018.Fonte: Edna

O senhor Devair Muniz da Silva tem 50 anos, morador da aldeia Riachinho, trabalha na roça e sempre ajudou a cavar sepultura. Ele é uma pessoa bem visada pela comunidade porque gosta muito de contar história. De fato, ele nos contou histórias de pessoas que já partiram deste mundo para o outro. E ele ainda nos passou algumas ciências que devem ser seguidas durante o enterro.



Figura 5 - Sra. Natalina, Aldeia Riachinho Território Xakriabá, setembro de 2019. Fonte: Nilsa

A senhora Natalina Seixas de Oliveira tem 49 anos, é moradora da aldeia Riachinho e trabalha na roça até hoje. É Rezadeira e presa muito os conhecimentos adquiridos pelos seus pais e avós. Ela foi uma das nossas entrevistas devido a guardar até hoje os costumes dos resguardos do luto. Na parte da alimentação segue rigorosamente os costumes que seus pais e avós lhe ensinaram.





Figura 6 - Sra.Santilha, Aldeia Riachinho Território Xakriabá, abril de 2019. Fonte: Roseli

Santilha Gomes de Oliveira tem 76 anos e é moradora da Aldeia Riachinho. Aposentada, ela trabalha na roça até hoje, é benzedeira e, entre outras habilidades, ela se comunica com os espíritos daquelas pessoas que já se foram. Decidimos entrevistá-la por ser uma referência no assunto que abordamos no nosso tema de pesquisa.



Figura 7 - Sr.José dos Reis, Aldeia Pedra Redonda, Território Xakriabá, Agosto de 2019.Fonte: Edna

José dos Reis Lopes da Silva tem 41 anos e é morador da Aldeia Pedra Redonda. O mesmo já foi diretor da Escola Estadual Indígena Bukimuju. Atualmente é liderança e exerce a função de professor. Decidimos entrevistá-lo para ouvirmos depoimentos sobre como seria seguido o luto do nosso povo na escola nos dias atuais.



Figura 8 - Sr. Valdemar Aldeia Prata, Território Xakriabá, Agosto de 2019. Fonte: Edna

O senhor Valdemar Ferreira dos Santos tem 73 anos e é morador liderança da Aldeia Prata. Decidimos pesquisa-lo pois ele tem um papel muito importante, é uma fonte de pesquisa para todos que o procuram e sempre participa dos movimentos que ocorrem na comunidade. No entanto nós o entrevistamos devido a ele ter muita sabedoria e conhecimentos sobre o tema.



Figura 9 - Sra.Dominga Aldeia Riachinho Território Xakriabá, agosto de 2018.Fonte: Edna

Dona Dominga Seixas Ferro tem 99 anos, mãe de dez filhos, sempre viveu na aldeia Riachinho e é a pessoa mais velha da aldeia. Vive de aposentadoria há mais ou menos 40 anos. Rezadeira, que carrega com si bastante ciência, sabedoria e respeito. Sempre trabalhou na roça, mas devido a sua perda da visão e a sua idade, hoje já não faz alguns serviços. Mas sempre que pode ainda reza em algumas promessas. Ficou viúva a mais de 20 anos atrás desde então até hoje guarda o luto do seu falecido esposo. Um dos seus resguardos que ela guarda até hoje é de não usar as roupas de cores vermelhas. E ainda nos falou sobre o uso dos objetos emprestados durante o velório, especificando a forma de como e quando devem ser feitas as devoluções.



Figura 10 - Sr. Dioclécio Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Agosto de 2019. Fonte: Edna

O Senhor Dioclecio Gomes de Araújo, morador da aldeia Riachinho, tem 72 anos. Aposentado, trabalha na roça até os dias atuais. Ele é uma pessoa que traz consigo uma bagagem de conhecimento. Em sua entrevista relembra em memória das pessoas mais velhas que usavam a prática do barro preto para tingir roupa durante o luto.

Ressaltamos ainda um pouco de acordo a entrevista de alguns sábios sobre o porquê dos acontecimentos do suicídio no território que já vem acontecendo por algum tempo, sendo os jovens os maiores afetados. Segundo a fala dos sábios, isso vem ocorrendo devido à falta de cuidado em relação ao resguardo do luto, sendo que um deles cita também o enfraquecimento da espiritualidade.

Ao transcrever uma de nossas pesquisas um fato nos chamou a atenção, durante a transcrição da entrevista realizada com pajé Deda. Quando ele explicava o porquê de tantos acontecimentos desagradáveis e de tantos suicídios no território, um fato triste ocorreu e no mesmo momento nós recebemos a notícia de que mais um suicídio havia acontecido. Isso nos fez parar e refletir porque a informação do entrevistado teve uma ligação muito forte conosco naquele momento. Então vimos a necessidade de repassar o valor de preservar essas práticas, deixando claro o que tem por traz de uma ação cometida em um tempo impróprio durante o período do luto.

Em alguns aspectos da nossa cultura é fundamental resguardar com muito respeito o período do luto. De acordo com os velhos existe um tempo para cada grau de parentesco ou à proximidade de alguém que faz parte do ritual. Alguns desses aspectos é o bater do maracá, o canto de alguns cânticos, a pintura com a cor vermelha e a alimentação. O maracá tem um significado muito grande para nosso povo, pois o som traz a questão da espiritualidade por ser identificado como um instrumento sagrado.

Neste período também não cantamos os cantos que falam da jurema, da iaiá cabocla e dentre outras. O vermelho para o povo Xakriabá é usado quando vamos reivindicar os nossos direitos. Mas, quando estamos no período de luto, ele não pode ser usado, pois, se for usado, puxa geração e morre pessoas da família repetidamente. Esta cor vermelha é extraída do urucum, uma fruta que é usada para pintura e alimentação. Existem também a restrição de alguns alimentos que não podem ser ingeridos, tendo que respeitar o tempo de cada tipos de alimentos. Uma vez se não tiver este cuidado, coisas desagaveis podem vir a acontecer.

Escolhemos pesquisar sobre o tema Luto: ciências, crenças e sabedoria do povo Xakriabá porque é uma tradição que faz parte do nosso cotidiano e engloba vários costumes importantes, que devem ser valorizados e repassados para as futuras gerações.

Compreendemos que devemos pesquisar, registrar e preservar os conhecimentos dos velhos das comunidades Xakriabá, pois são eles nossas bibliotecas vivas porque se não registrarmos pode ser que um dia eles partam para outra vida levando suas histórias, costumes e suas práticas.

Este trabalho para nós foi muito importante, porque através dele podemos mostrar a importância que tem o resguardo do luto, pois vemos que alguns destes costumes estão sendo deixado para traz. Talvez seja por falta de conhecimento que os mais jovens não estão tendo.

Com este trabalho esperamos contribuir para o fortalecimento dos conhecimentos, práticas e mostrar quais os cuidados que se deve ter durante este período. Esperamos que muitas das ciências que serão explicadas nestes trabalhos, poderão contribuir para revitalização dos costumes e práticas do povo xakriabá. Com este trabalho pretendemos estimular a curiosidade dos mais novos em saber sobre cada ponto aqui apresentado especificamente.



Vemos que muitas das vezes os mais novos não procuram os mais velhos para conversar e isso faz com que os velhos não passem seus conhecimentos e suas histórias vividas. Notamos que nos dias de hoje estes costumes são mais praticados pelos mais velhos e antigamente era diferente. Todos tinham bastante cuidado e guardavam este resguardo corretamente. Para nossos mais velhos uma das maiores causa das mortes hoje ocorre pelo fato de as pessoas não estarem mais tendo os cuidados necessário no período do luto e isso faz com que, cada vez mais, vai puxando geração (morte de pessoas da mesma família repetidamente).

Ao longo do nosso trabalho entrevistamos pessoas mais velhas da comunidade, pois sabemos que só elas podem nos passar várias informações sobre seus conhecimentos e esperamos que este trabalho seja uma contribuição que deixaremos principalmente para as futuras gerações.

As entrevistas foram feitas com pessoas das comunidades Xakriabá afim de buscar conhecimento e práticas que estão adormecidas para que não seja futuramente extinta. Além disso procuramos saber das práticas ainda utilizadas atualmente, apesar de pouco conhecidas.

Pesquisamos e registramos em forma de tabela o tempo de cada coisa como: Tipos de alimentação, ritual usando maracá, cores de vestes, danças e rezas. Realizamos pesquisa de forma que a transcrição foi feita do jeito que o entrevistado(a) pronuncia, porque para nós é de extrema importância valorizar o modo de falar do nosso povo Xakriabá.

## 2 CAPÍTULO 1 - OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E CIENTIFICO: O SUICÍDIO

Os conhecimentos tradicionais são processos vivos que estão sempre em movimento. Passando de geração a geração estes conhecimentos devem ser fortalecidos como por exemplo o resguardo do luto que desde antes era respeitado e que nos dias atuais algumas práticas estão se perdendo. Por isso estamos vendo a necessidade dessa reativação da memória dos nossos velhos para que possamos repassar aos mais jovens.

Notamos que nos dias de hoje os jovens tem mais procurado pelo conhecimento científico do que pelo conhecimento tradicional. Não queremos aqui afirmar que um é melhor que o outro, mas que ambos devem andar juntos.

“De minha parte, eu também acho que conhecimento científico e conhecimento tradicional são incomensuráveis, mas que essa incomensurabilidade não reside primordialmente em seus respectivos resultados. os conhecimentos tradicionais estão para o conhecimento científico como as religiões locais para as universais.” (Carneiro da Cunha, p. 78)

Para o nosso povo o problema é que para o conhecimento tradicional tem uma explicação enquanto para o conhecimento científico tem outra explicação. Citamos aqui um exemplo: quando a pessoa se distancia de todos e se isola do mundo e comete suicídio, para o conhecimento tradicional isso é espiritualidade fraca, enquanto para o conhecimento científico, dão o nome de depressão.

Quando a pessoa está com depressão para o conhecimento científico tem uma forma de tratamento onde passa por vários especialistas como psicólogo, psiquiatra e vai vivendo a base de remédios farmacêuticos enquanto para o conhecimento tradicional aquele pessoa pode ser curada de modo natural com os pajés e benzedeiros através de banhos, benzimentos e plantas medicinais.

“Ai gente tem que praticar os rituais trazer aquelas pessoas pra dentro de um ritual e fazer toda uma preparação com ele espirita que a pessoa consegue se agasalhar. (Pajé Deda)

“Tem duas coisas que é muito respeitada é a força do céu com a força da terra, os encantos e as coisas espiritual. Ciência ninguém pode desrespeitar, por que ela pode se revoltar e se ela se revoltar ninguém vai aguenta! Por que si fazer um ribulção lá que o vento tirar tudo...E a ciência não tem fim! se você vai no campo você ver de um jeito, se vai em outro canto você ver de um outro jeito, ai quando você volta la já mudou a ciência, já está de outro jeito. Ai e aquela fala de seu Valdinho:“saber não ocupa lugar, viver e aprender e morre e num caba de aprender”. A ciência quando mais você aprende mais tem movimento pela frente que nunca chega ao fim.”

(Valdemar Ferreira dos Santos, liderança da aldeia Prata)

Nós reconhecemos que existem outras formas de conhecimento, como o conhecimento científico, mas esta pesquisa está voltada para o conhecimento tradicional do povo Xakriabá. Acreditamos que esse é o conhecimento que fortalece nosso povo e nosso território. E é esse conhecimento que buscamos trazer para nosso percurso acadêmico e para as futuras gerações.

O resguardo do luto para o povo Xakriabá é considerado com bastante respeito e se não seguir, muitas coisas desagradáveis possam vir acontecer como a questão do suicídio. Em pesquisa e conversa com algumas pessoas eles acreditam que isso vem ocorrendo devido aos cuidados com que não estão se tendo como deviam se ter, em relação ao luto. Um dos fatos citados também é a questão da espiritualidade porque se não fizer essas práticas, os nossos espíritos ficam fracos. Pois esse resguardo faz parte de nossa cultura uma vez que se a gente não resguardar, a nossa espiritualidade enfraquece e o nosso corpo não recebe as manifestações de nossos encantos. Se não mantermos os nossos espíritos fortalecidos, eles acabam ficando fracos e com pensamentos negativos, onde acaba atraindo coisas ruins como suicídios.

“O que é essa coisa do suicídio no Xakriabá? Para mim é uma quebra de resguardo”. (Célia Xakriabá)

Essa explicação do suicídio tem duas explicações onde para o conhecimento científico trata se de uma depressão e enquanto para o conhecimento tradicional de nosso povo é fraqueza do espírito onde leva a pessoa a cometer o suicídio sendo os jovens as maiores vítimas.

“Quando alguém começa fazer suicídio, a gente olha os outros médicos, eles enxergam que é depressão, que a pessoa não tem mais pra onde ir. Ai nois enxerga que quando alguém começa fazer algumas ações ali nesse



pensamento ai já chegou até o ponto de falar, a gente fala que isso é fraqueza de espirito. A gente tem que praticar os rituais, trazer aquelas pessoas pra dentro de um ritual e fazer toda uma preparação com ele espirita que a pessoa consegue se agasalhar.” (Jose de Araújo Souza conhecido como pajé Deda)

### 3 CAPÍTULO 2 - O enlutar Xakriabá e o uso do barro.

Para o povo Xakriabá é muito importante respeitar o período do luto. Mas com o tempo algumas práticas vieram se perdendo. Vendo a preocupação de nossos mais velhos decidimos abordar o tema “Luto” para desenvolver o nosso projeto de pesquisa. Pretendíamos assim aprofundar os nossos conhecimentos sobre o assunto, e futuramente passar para as novas gerações através desse trabalho ou até mesmo pela oralidade.

Coletamos informações e percebemos como a memória dos nossos mais velhos mantém seus preceitos do luto e do enlutar Xakriabá. Durante as nossas pesquisas o nossos anciões ressaltaram sobre a importância que esse trabalho terá por parte da conscientização dos nossos mais jovens, que para eles não estão se importando ou talvez não tenham o conhecimento dos motivos pelos quais devem respeitar o resguardo do luto, uma vez que não respeitado podemos passar por consequências desagradáveis.

Antigamente no território Xakriabá as pessoas mesmas produziam suas próprias roupas que eram tecidas do algodão, como não tinha roupas de cores diferentes no período de luto eles utilizavam o barro preto para tingir suas próprias roupas pra identificar o luto. Os homens usavam a camisa preta ou então um pequeno pedaço de pano preto sendo colocado no ombro ou no chapéu como uma forma de identificação. Já as mulheres usavam vestidos pretos todos pintados com esse barro.

Essa prática do barro preto no tecido é uma prática muito antiga que nos dias atuais não estão sendo mais praticadas e assim ficando apenas como memória do nosso povo que muitos mais jovens nem conheciam.

Na dissertação de Célia Xakriabá, ela defende uma educação territorializada e levanta alguns elementos, entre eles o barro, além do genipapo e do giz. Na passagem em que ela fala sobre o barro, baseada em uma oficina de reativação da memória, Dalzira Xakriabá diz o seguinte:

“Pra manter esse período de resguardo do luto, as pessoas tingiam a roupa feita de algodão, com o barro mais escuro, uma lama preta que era retirado do brejo do riacho. Naquela época as pessoas não tinham como comprar tecido, então tingiam as roupas mais velhas que tinham, feitas de algodão. É uma prática tradicional muito antiga, por isso a maioria dos jovens não conhecem, as últimas épocas que foi usado esse costume foi na década de 60 a 70. Tô contando, porque a maioria das pessoas que está aqui neste

grupo diz que num conhecia, num tinha essa memória da pratica do enlutar com o uso do barro para tingir as vestimentas.” (Dalzira Xakriabá)<sup>1</sup>.

Esse depoimento de Dalzira Xakriabá confirmou para nós aquilo que estávamos pesquisando e escutando de nossos entrevistados, nossas bibliotecas vivas. Também foi importante o fato de que ao lermos a dissertação de Célia Xakriabá, ela aponta a importância do barro para uma educação territorializada Xakriabá. O caso que estamos apresentando do luto, no qual estamos nos concentrando, está dentro dessa perspectiva. Quando começamos a pesquisa não sabíamos que iríamos encontrar esse conhecimento relacionando o luto com o barro. No início tínhamos o interesse de pesquisar o luto. Mas, depois vimos que a questão do uso do luto estava diretamente relacionada com o barro e, portanto, com o território.

Nesse sentido, o fato de termos saído em busca do barro e termos filmado o lugar onde encontramos ainda hoje o barro preto, que pode ser usado para tingir as roupas no período do luto, foi um momento muito importante para nós pois nos colocou mais perto de nosso próprio território e da maneira como conhecemos ele.

Este barro preto é encontrado em áreas de veredas mais úmidas. E quando as pessoas mais velhas precisavam tingir roupas para identificar o luto, as mesmas iam até este local cavavam um buraco, a ponto que cobria a peça de roupa. Na primeira camada ele era composto com areia e mais a fundo encontrava-se o barro preto que era macio e ideal para o tingimento das roupas. Depois que colocava a peça fechava com o próprio barro e então só retirava com três dias e depois lavava com algumas raspas de árvores sendo elas: Muçambé, jacarandá e pacari.

“Si pintasse a roupa cum o barro a roupa cabava e a tinta num saía.”  
(Dioclesio Gomes de Araújo, 72 anos.)

---

<sup>1</sup> Depoimento de Dalzira Xakriabá para Célia Xakriabá presente na dissertação de Célia: O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada (2018, p. 187)



Figura 11 - Barro Preto Aldeia Riachinho Território Xakriabá, Agosto de 2019. Fonte: Edna

### Processo do tingimento do tecido com barro



### Após três dias





Figura 12 - Passo a passo do processo do tingimento do tecido com o barro 2019. Fonte LAPA

Em conversa informal com Celia Xakriabá, ela nos relata sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo sobre as práticas do resguardo do luto segundo fato ocorrido durante a sua pesquisa de mestrado. Durante suas oficinas, alguém falou sobre a pratica de se usar o barro preto para tingir tecido e com isso reativou a memória de outra pessoa ali naquele momento.

“Reativar a memória é muito importante porque si não fizermos isso ela vai meio que assentando, adormecendo quando ela não é movimentada.” (Celia Xakriabá).

A questão do luto está muito ligada na memória e na oralidade. Quando citamos a memória é porque várias práticas que já foram utilizadas durante o período do luto, estão apenas na memória dos mais velhos, e na oralidade alguns mais jovens sabem que tem certas práticas que não podem ser realizadas, mas não sabem as consequências que podem vir a trazer. E por isso se não reativamos essa memória pode ser que essa oralidade venha a se perder.

“O luto é memória, é oralidade, é a sustentação da tradição. Não por causa do luto em si, mas por causa do resguardo!” (Celia Xakriabá)

## 4 CAPÍTULO 3 - O RITUAL DO LUTO

Vamos apresentar agora os elementos que fazem parte do ritual do luto. Procuramos trazer esse conhecimento tradicional que envolve desde o maracá, passando pelas cores das pinturas, pela alimentação e também os cuidados com o ritual, com a casa, com a família, com a escola, com as aldeias e o território.

Existem muitos detalhes sobre cada um desses elementos e sobre a relação deles específica com o luto. Nós procuramos reunir uma parte deles neste trabalho.

### 4.1 O maracá

O maracá é um instrumento muito sagrado para o povo Xakriabá. Ele tem uma ciência que fortalece a nossa espiritualidade, trazendo energias positivas para o nosso corpo, se for batido dentro de um tempo certo.

Quando perdemos um parente e batemos o maracá antes de completar a quantidade de tempo adequado, isso não é bom porque o bater do maracá faz um chamamento e então aquele parente que fez a passagem e ainda não se agasalhou seu espírito volta, e então ele tenta se aproximar de algum corpo realizando as suas manifestações (incorporar na pessoa) porque ele sente saudade e então aquele espírito só retorna para o lugar aonde ele estava tentando se agasalhar no dia que leva mais um, ou seja, morre mais uma pessoa. Há espíritos também que voltam com intuito de incorporar em alguém escolhido para passar sua sabedoria espiritual mais o momento que o maracá é usado no período improprio aquele espírito se revolta e então ele não consegue incorporar.

Na fala de nosso entrevistado o bater do maracá no tempo incorreto influencia se for do mesmo povo, pois ali tem sua cultura, seus costumes, suas crenças e tradições. É importante manter esse resguardo por respeito ao seu povo. Por isso quando falece uma pessoa independente de ser da família ou não temos de resguardar porque é um membro de nosso povo que está partindo. O povo se torna uma mesma família devido seguir uma cultura coletiva e através dessa ligação a energia circula. Então se o mesmo povo faz algo que não devia fazer as energias negativas circula de modo geral e se o povo fazer atos corretos, ali sempre vai circular energias positivas.



“Por isso que nós não batemos o maraca fora do tempo, por que ele não consegue agasalhar enquanto não... toda vez que um bate o maraca se ta agasalhando no corpo de alguém o espirito daquele que fez essa passagem vai um parente bate maraca próximo ali. Ai ele sai e começa aproximar ali e chega a ponto de incorporar em alguém por que ele não conseguiu agasalhar no corpo daquele outro, ai quando bate o maraca ele vem por que ele sente saudade e quando bate o maraca antes de chegar o 7 dia ou os 30 dias ele vem e sente saudade e pra retornar tem uns que demora uns 6 meis pra retornar e só consegue retornar quando leva mais um”. (Jose de Araújo de Souza conhecido como pajé Deda)

“Se tem uma aldeia que consegue conservar e tem outros que não consegue conservar...Mas que seja do mesmo povo acaba também que a ligação é a mesma .Sendo do mesmo povo ai a energia circula ai se torna a dificuldade. Por isso que é bom ta registrando alguns momentos daqueles que tem na aldeia também para repassar boa parte da questão desse resguardo pra outros. (José de Araújo de Souza conhecido como pajé Deda)

Para bater o maracá quando perdemos um parente deve ser respeitada a quantidade de tempo especifica para cada idade de acordo a tabela a abaixo:

<b>Idade</b>	<b>Tempo de bater o maracá</b>
<b>Recém nascido</b>	<b>7 Dias</b>
<b>Adolescente</b>	<b>30 Dias</b>
<b>Adulto</b>	<b>30 Dias</b>

Tabela 1 - Tempo de bater o Maracá

#### 4.2 Cores de Pinturas corporais

No caso da cor vermelha não deve ser usada nas pinturas porque o vermelho é usado quando vamos reivindicar os nossos direitos e no luto ele tem outro significado e se for usado em um tempo incorreto irá puxar geração. Quando é para usar o vermelho as pessoas tem todo um aviso e só as pessoas que tem essa sensibilidade da espiritualidade vai receber este aviso de como e quando usar. A cor ideal para ser usado no momento de luto é a cor preta.



Figura 13 - Pajé deda, Fonte LAPA

#### 4.3 Cantos

Há alguns cantos que não devem ser cantados em certos períodos do luto. Tem alguns que leva de 7 a 30 dias para que possa ser cantado. Nesse período cantamos apenas cantos de lamento como os que fale da natureza, das plantas e da água. Cantos por exemplo que é mais forte para poder fortalecer nossos encantos só podem ser cantados depois de 30 dias como a jurema, cantos que fale sobre o bater do maracá, campo de batalha e também a que fala da nossa protetora.

De 7 dias a 30 dias a gente conserva também esses cânticos tem outros cantos que é mais canto de lamento agora tem outros cantos que é mais forte mesmo pra poder se fortalecer e envolver os encantos ai isso ai tem que deixar bem mais pra frente, depois dos 30 dias os que fala sobre a jurema, que fala sobre o bater do maraca que fala sobre o campo da batalha até isso que fala sobre a nossa protetora, até isso é preciso conservar por 30 dias. Antes dos 30 dias a gente não pode fazer ainda esses cantos mais tem outros cantos que fala... que pertence a natureza.(José de Araújo Souza conhecido como pajé Deda)

Vamos mostrar agora os cantos que não podem ser cantados durante o período de luto. Alguns cantos foram retirados do trabalho de Jan Carlos Pinheiro de Abreu (2016, p. 39-42)



#### 4.3.1 Cantos do terreiro toré

##### **Jurema**

Você me chama é Jurema  
 Eu não sou Jurema não  
 Sou um pausin encantado  
 Mas que os homi não vê

\*\*\*

Venha vê  
 Venha vê  
 Venha vê  
 E vem olha Vem vê  
 Pois a dona pra laiá

\*\*\*

#### 4.3.2 Canto sobre a nossa protetora (onça)

##### **Dança do Gavião e a Onça**

Gavião bateu asa e rodopiou  
 Gavião bateu asa e rodopiou  
 E a onça pintada dançou, dançou  
 E a onça pintada dançou, dançou  
 Sacudiu maracá até subiar  
 Quero ver gavião e a onça dançar  
 Hei na, hei na, hei na há  
 Hei na, hei na, hei na há

\*\*\*

#### 4.3.3 Canto para abrir os trabalhos

Ô minha vó cabocla vem aqui abençoar

Vem abrir esse terreiro

Que é hora de eu trabalhar

É que nós somos discípulos Do povo Xacriabá

Hei na, hei na, hei na hê

Hei na, hei na, hei na há

A mata estava seca

E agora enverdeceu

Foi milagre de tupã

Que nessa terra desceu

Hei na, hei na, hei na hê

Hei na, hei na, hei na há

\*\*\*

#### 4.3.4 Canto sobre a árvore jurema

##### **Jurema**

A folha da Jurema Ô, Ô, Ô

Secou o vento levou Ô, Ô, Ô

Jogou bem longe daqui Ô, Ô, Ô

Nunca mais ela voltou Ô, Ô, Ô O

pisa, pisa, pisa, pisa devagar

O pisa devagarinho na folha da jurema.

\*\*\*

##### **Juremá**

Se meu terreiro não tem brincadeira

No pé de Jurema nós vamos rodar

Aruê, raruê, raruê

Aruê, raruê, raruâ

Se tu é fraca pode quebrar

Juruê, juruê, juruê

\*\*\*

### **Tupã subiu na serra**

Tupã subiu na serra

Todo coberto de pena (bis)

Ele foi mais ele é

É o flor da jurema (bis)

\*\*\*

### **A FOLHA DA JUREMA**

Ô pisa, pisa, pisa, pisa devagar

Vão pisar devagarinho na folha da jurema (bis)

A folha da jurema ô ô ô

Secou o vento levou ô ô ô

Nunca mais ela voltou ô ô ô

\*\*\*

### **JUREMA**

Jurema hê , ô jurema hô

Jurema hê , ô jurema hâ (bis)

Eu vim da raiz da terra

Eu vim para pisar (bis)

Sou guerreiro filho de tupã

Eu vim para ranquiar (bis)

\*\*\*

Para o nosso povo Xakriabá a jurema é conhecida como uma árvore sagrada e cheia de encantos onde nem todos conseguem enxerga-la no nosso território. É uma árvore que serve pra remédio e até mesmo pra nos livrar de mal olhado. E no período de luto não podemos realizar esses cantos que fale no nome dela.

#### 4.3.5 Cantos sobre o maracá

Quando vejo maraca tocar  
 Quando eu vejo maraca tocar  
 Dou vontade de cantar  
 Estou cantando pra tupã  
 Pra ele vim mim ajudar(bis)

\*\*\*

Maraca na minha mão  
 Maraca na minha mão  
 Aprendi dançar awê  
 He, he, maracaxé  
 He, he caracaxá (bis)

\*\*\*

Pisa no chão  
 Pisei no chão fiz poeira subir (bis)  
 Cantei pra iaiá que está aqui (bis)  
 Ela está aqui veio pra dançar (bis)  
 Escuta a pisada e o som do maraca (bis)

\*\*\*

O maracá tem um significado muito grande para nosso povo pois o som traz a questão da espiritualidade identificado como um instrumento sagrado.

#### 4.4 Alimentação

Quando perdemos um parente existem alguns alimentos que não podemos comer por um certo período, pois se comer antes de completar as quantidades de dias, isso faz com que “puxa geração”, ou seja, morre pessoas da família repetidamente. Há também alimentos que se for ingerido antes do tempo causa má digestão. Quando acontece esse tipo de caso, a pessoa só melhora depois que fazer o remédio (feito da própria terra da sepultura).

Os nossos velhos contam que essas pessoas que não guardam esse resguardo, quando morrermos o corpo não irá aguentar esperar as 24 horas para o enterro, porque antes de completar as 24 horas, esse corpo apresenta mal cheiro. Isso ocorre devido ao resguardo que não se teve no período em que perdeu um de seus parentes.

“Quando uma pessoa come uma qualidade de alimentação ali e não ta no tempo ainda e aqueles que consegue se alimentar uns que no mesmo dia começa passar mal, a barriga fofa, começa rotar ruim, começa o inchaço, não só na barriga mas no corpo todo. Tem uns que ataca falta de ar e puxa a geração às vezes quando pessoas fazem isso que está sabendo que não pode e começa a fazer dessa forma quebrar tipo essas regras tem vez que ali antes de completar 1 ano ai já vai mais 1 ou 2 as vezes até mais dessa geração ai vai se passando enquanto a pessoa não sentir mesmo na consciência que precisa conservar, precisa guardar.” (Jose de Araújo Souza conhecido como Pajé Deda)

#### **Tabela dos alimentos com período de resguardo**

<b>Alimentos</b>	<b>Quantidade De Dias</b>
Abobora	15 dias
Batata	15 dias
Banana	3 dias
Carne	3 dias
Coco	3 dias
Doce	3 dias
Goiaba	3 dias
Laranja	3 dias
Limão	3 dias
Leite	15 dias
Mamão	3 dias
Manga	3 dias
Melancia	15 dias
Maxixe	15 dias
Melão	15 dias
Ovo	15 dias

Peixe	15 dias
Queijo	15 dias
Quiabo	15 dias
Imbu	3 dias
Galinha	15 dias
Feijão verde	3 dias
Cana	3 dias
Romã	3 dias

Tabela 2 - Tabela dos alimentos com período de resguardo



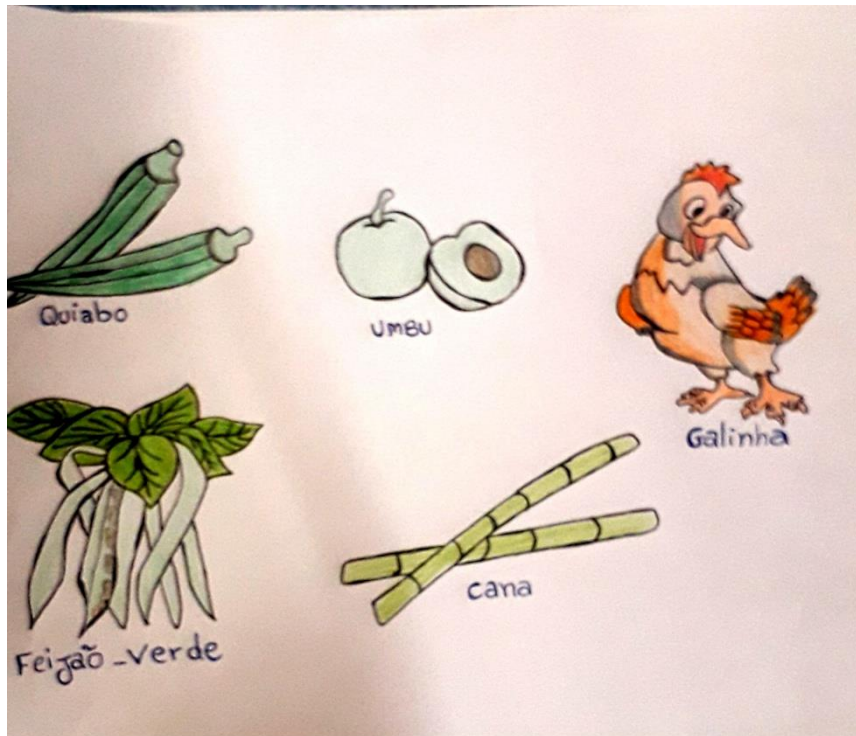


Figura 14 - Desenhos de Alimentos, Setembro de 2019, Desenho feito por Célia

Existem alguns alimentos que se nós comermos acontece que a gente fofa (incha) a barriga. Isso sempre nos dias de hoje está acontecendo, as pessoas não estão mais tendo o cuidado como antigamente, os mais velhos contam que antigamente as pessoas guardavam mais esses resguardos, podia ser criança ou adulto, todos tinham esse respeito pelo parente que tinha perdido.

“Hoje tem muita diferença do resguardo de antigamente, hoje são poucos que guardam, tudo mudou.... Lá em casa desde quando eu era pequena, nesse tempo mãe falava -não come isso! Aí eu ficava naquilo guardava e até hoje eu ainda cotelo”. (Natalina seixas Ferro 48 anos) (Cotelo- respeito- respeitar)

Quando comemos alguns alimentos que não pode e chega ao ponto de inchar a barriga, pra melhorar a pessoa que não teve o resguardo correto tem que fazer um remédio com a própria terra da sepultura daquela pessoa que morreu.

O remédio é feito da seguinte maneira: Pega um pouco da terra da sepultura coloque em um copo, e misture água ou, se preferir, até mesmo na pinga pode tomar.

Quando a barriga incha por esse motivo, a pessoa só melhora quando faz esse remédio, ela pode até tomar outro tipo de remédio, mas ela só vai melhorar depois que ela tomar esse remédio.

“Quando a barriga incha e só beber a terra da sepultura, que melhora, uns bebe na água outros bebem na pinga.” (Natalina Seixas de Oliveira 48 anos)

Para nossos mais velhos todas as indicações eram sempre feitas para resguardar a família e as demais pessoas também.

“Não entrava em roda de ritual enquanto não inteirava os 6 meses, não batia o maracá, não cantava certos cantos.” (Natalina Seixas de Oliveira 48 anos)

Para nós, xacriabá, o luto é um momento de muita importância, pós é a última despedida carnal de uma pessoa para outra. Por isso quando morre um índio xacriabá paramos todas as atividades do dia a dia da aldeia onde acontecer a morte, para ir ver a pessoa que morreu pela última vez. E os parentes mais próximos ficam parados com as atividades de trabalho por 7 dias. Mas, essa parada nas atividades é negociada com gestores dos setores de trabalho. As pessoas que prestam serviços na educação têm mais facilidade em negociar, porque os diretores das escolas são indígenas e já sabem como funciona, mas na área da saúde enfrentamos mais dificuldade porque os gestores ainda são os não-índios e às vezes enfrentam dificuldades para fazer essa negociação.

Isso funciona de várias formas. Se caso falecer um funcionário da escola também entendemos que morreu um membro da família escolar e a escola deve guardar o luto por 7 dias, e assim também como aluno da escola na aldeia.

O luto de uma pessoa de uma aldeia para outra deve ser guardado por 7 dias só de parentes bem próximo e os demais através de negociação com gestores, comprometendo comparecer ao velório. Essa participação no velório, entendemos como um momento solidário com toda família do falecido e que deve ter a participação de crianças, adolescentes e adultos, pois entendemos que todos nós vamos ter esse momento onde um dia vamos falecer e que o falecido precisa de outras pessoas para fazer seu velório: abrir sua cova, enterrar e em muitos velórios rezamos para a alma da pessoa purificar e ir para o céu e nesse momento a participação das crianças pode ser um momento de aprendizado. (José dos Reis Lopes da Silva)

Geralmente esses conhecimentos vem sendo passando de pai pra filho ou de avô pra neto. Antigamente os pais tinha todo um cuidado com suas crenças e sempre



passava seus conhecimentos para seus filhos sendo atrás de conversa, conselho ou experiência de acordo com alguns fatos ocorrido em suas trajetórias de vidas.

Para os mais velhos antigamente os jovens tinham mais interesse em aprender sobre os costumes do povo enquanto os jovens de hoje mostram estar mais interessados nos meios tecnológicos como: celulares, televisão, som, dentre outras tecnologias.

Quando nos Xakriabá perdemos um parente existem vários cuidados que devemos ter. Quando falece alguém da família, se estivermos fazendo algum tipo de trabalho, nós paramos de realizar qualquer serviço que estivemos fazendo, e só então depois do sétimo dia é que retornamos com as atividades que vinham sendo feitas.

“Em quanto não enterrar os 7 dias num trabalha não! Depois que passar os 7 dias ai agora pode trabalhar! Eu tem hora que fico assim imaginando, tem uns que morre um gente dele já tá comendo tudo quantua e trabalhando. Gente, deixa disso. Isso não é assim não! E como eu digo os que toma consei eu dou um parecer, eu num é toda pessoa que eu dou conseio eles fala que é bestaje”. (Dominga Seixas Ferro)



Figura 15 - Desenho de Homem limpando a roça, setembro de 2019, Desenho feito por Célia

#### 4.5 Cor de roupas

Existem também um cuidado com a cor de roupa que não podemos usar durante o período do luto, que é a cor vermelha. Quando a mulher ou o homem ficam viúvo, não podem usar nunca mais a cor vermelha. A pessoa que usa essa cor depois de ter ficado viúvo, é vista como uma pessoa que não está respeitando a memória do seu parceiro (a) que já se foi para outro plano. No caso dos filhos, quando perdem ou pai ou a mãe, não podem usar vermelho durante um ano.

“Resguardo do meu finado que guardo até hoje, é não vestir roupa vermelha, roupa vermelha pra mim não! Também não amarro lenço vermelho na cabeça.” (Domingas Seixas Ferro, 98 anos aldeia Riachinho)

Contam nossos mais velhos que antigamente as coisas eram tão difíceis, que era raro as pessoas achar um pedaço de tecido, e quando era período de luto as pessoas usavam a tinta de jenipapo ou então uma tirinha de pano preto amarrado no punho ou no pescoço. Ai a tirinha era a representação do luto, ou seja, quando as outras pessoas viam usando a tirinha todos já sabiam que aquela pessoa estava de luto. E só depois de 6 meses era que essa tirinha era retirada.

“Antigamente o preto não era usado como hoje. Antes só se usava a cor preta quem estava de luto ou então pessoas que tinham feito promessa de Santa Rita. Hoje não está como antigamente, hoje as pessoas usam o preto no seu dia a dia e antes tudo isso era resguardado. Antes a cor preta tinha significado, hoje virou luxo, as pessoas estão usando sem saber o verdadeiro significado que tem para os nossos velhos.

Hoje o povo já ta vestindo roupa preta ai atoa, ne? Preto di primeiro era luto hoje é luxo.”(Domingas Seixas Ferro, 98 anos)

#### 4.6 Família e os objetos pegos emprestado durante o velório

Quando o caixão sai para o cruzeiro, as pessoas da casa não podem ir acompanhando o corpo, apenas outras pessoas podem participar do enterro.

Durante os sete primeiros dias algumas pessoas vão dar assistência na casa onde morreu um parente. Alguns dorme lá até completar 7 dias. Depois que amanhece os sete dias as pessoas voltam a dormir nas suas casas, não pode começar dormir na casa onde faleceu alguém e deixar de ir antes de completar os 7 dias.

“De primeiro quando morria um parente, as pessoas se reuniam naquela casa e dormiam as 7 noites ali...Para dar conforto a família quando era no 7<sup>o</sup> dia todos procurava seu canto e voltava a dormir em suas casas.”

(Domingas Seixas Ferro, 98 anos)

Inclusive os objetos que são levados durante o velório, como bancos, cadeiras... Só podem ser devolvidos depois do sétimo dia.

“Si tivesse um banco, se pedisse uma pessoa ce so intregava aqueles trem depois que interasse os 7 dia. Eu to no entendimento dos vei,num posso fazer mais pru que num ennxergo.”(Dominda Seixas Ferro, 98 anos)



Figura 16 - Desenhos de Objetos (banco, candilheiro, tamborete), setembro de 2019, Desenho feito por Célia

Antigamente os panos que eram usados durante o velório, as pessoas faziam uma trouxa e colocava encima de girais ou da casa e só lavava depois do sétimo dia. Por que isso era um costume dos nossos velhos e não podia fazer este tipo de atividade.



Figura 17 - Desenho de um Giral com uma trouxa de pano em cima, setembro de 2019, Desenho feito por Célia

Antigamente no período do luto só podia jogar bola depois de um ano.



Figura 18 - Desenho de um Homem jogando futebol, setembro de 2019, Desenho feito por Célia

### Tabela de quantidades de tempos para resguardar quando perde um parente

Parentescos	Dançar	Ir ne festa	Ritual	Bater maracá	Usar vermelho	Trabalhar
Pais	1 ano	6 meses	6 meses	6 meses	1 ano	7 dias
Filho	1 ano	6 meses	6 meses	6 meses	1 ano	7 dias
Netos	3 meses	3 meses	6 meses	6 meses	3 meses	7 dias
Casal	1 ano	1 ano	6 meses	6 meses	Não usa	7 dias
Pajé			1 ano	1 ano		
Chefe de campo			1 ano	1 ano		

Tabela 3 - Tabela de quantidades de tempos para resguardar quando perde um parente

Quando falece alguém, no sétimo dia acontece a visita, as pessoas se mobilizam e vão até o cruzeiro (cemitério) para fazer uma visita ao túmulo onde foi enterrado aquele falecido. Na visita do sétimo dia as pessoas da casa podem ir, todos se reúnem naquela casa que faleceu o parente pra levar a cruz para colocar no cruzeiro. As rezadeiras vão para rezar o ofício, os parentes levam as velas e as candeias para os finados alumiar. Em algumas visitas as pessoas levam bebidas alcoólicas e em outras não.

“No 7<sup>o</sup> dia ai todo mundo reuni naquele lugar onde farto um parente, pra fazer a cruz, pra levar pro cruzeiro, as rezadeiras vai pra rezar o fiço, os parentes leva as velas e as candeias pro finados alumiar.” (Natalina Seixas de Oliveira 48 anos)

Na visita do 7<sup>o</sup> dia se a mulher estiver menstruada ela não pode entrar dentro do cruzeiro, por que se ela entra no cruzeiro acontece que a menstruação dela vai ficar indo e voltando ou seja fica desregulada.

Quando terminar o enterro as pessoas não podem dar benção e nem se despedir na hora de volta para as casas. Apenas o morto que pode receber benção e despedida por que ele não vai voltar mais. E se as pessoas fizerem isso, elas estão adorando a si mesmo.

No caso da pessoa que morreu ser da família de uma rezadeira, aquela rezadeira não pode rezar durante um ano. Não importa que seja pra promessa ou velório tem que se ter este resguardo de 1 ano.

“A rezadeira também é 1 ano pra rezar aquela pessoa que chamar o fulano, ce sabe, reza a landainha, vai la em casa rezar pra mim, digo não! Não posso! Enquanto não inteirar um ano eu num vou!”(Dominga Seixas Ferro 98 anos)

Conta os mais velhos que antigamente as pessoas viviam mais tempo e era difícil morrer uma pessoa antes de completar os 100 anos e hoje isso é raro acontecer devido aos cuidados que estão se perdendo. Pois os mais novos não têm o conhecimento o quanto estes resguardos do luto são importantes ao ser mantido. Muitos dos velhos que viveram ou viram esta pratica do resguardo do luto notam essa falta dessa prática e percebem que alguns fatos que ocorrem hoje é por causa disso, citando um dos exemplos que eles percebem que hoje morrem mais são os jovens.

“Hoje acontece tantas coisas assim porque os modernos num tá tendo referência, hoje cê ve que ta morreno mais moderno do que idoso, se fica sabendo que de primeiro a coisa era mais difícil morrer uma moça, um rapaz. Depois deles formar ces num escutava dizer morrer uma moça era a coisa mais difícil. E hoje o que mais morre é os modernos por desrespeito do que é.”(Valdemar Ferreira dos Santos 73 anos)

Quando morre alguém, as pessoas daquela família não podem acompanhar aquele enterro e, se as pessoas teimarem e for, acontece que puxa geração. Vai morrer pessoas daquela família repetidamente em um período de tempo muito curto. As pessoas daquela casa onde faltou um parente só poderá ir na visita do sétimo dia. Enquanto isso os demais vizinhos vão dormir naquela casa até chegar o dia da visita, ou seja, por 7 dias. As pessoas não podem começar a dormir na casa e parar antes de completar os 7 dias só pode parar de dormir na casa depois que completa a quantidade de dias (ou seja 7 dias).

Tem também as ferramentas como enxadas, enxadão que são usadas nas aberturas da sepultura que só poderão serem entregues aos donos de 3 a 7 dias. Isso ficará por conta das pessoas que são parentes mais distantes.

“Se os da casa for no enterro puxa geração, disse que puxa geração é praque vai da casa vai um atrás do outro e a intonsi os da casa num pode ir não! O corpo de casa quem já pega pra leva e os zoutros, e os trem que leva pro

cruzeiro os zoutro traz e entrega tem uns que leva com 7 dias e outros cum 3.” (Santília Gomes de Oliveira, 74 anos)

#### 4.7 Velório e enterro

Um cuidado importante é que não se pode enterrar antes de completar 24 horas que a pessoa morreu, por que antes das 24 horas o espírito ainda não acabou de despedir. De certa forma, para nossos velhos aquele espírito ainda está presente. Se enterrar antes desse tempo, vai acontecer que vai puxar geração, morre pessoas da mesma família repetidamente em um período de tempo muito curto.

“Puxa geração quando enterra um parente antes de 24 horas, se enterrar antes dessas horas ai vai tudo de uma vez. Ante de completa um ano, 2 ano, ai vai um parente e ai vai outro, ai vai outro, ai acaba tudo.”(Natalina Seixas de Oliveira, 48 anos)

Quando falece o pai ou a mãe tem que ficar 1 ano sem dançar e só pode ir em festa só depois dos 6 meses.

“Di primero se morresse um pai era um ano de luto. E o luto enquanto o parente ta de luto a arma também tá. Ta respeitano e ai se gente ta de luto não pode participar de deversao nenhuma, graça nenhuma durante tiver com luto”(Valdemar Ferreira dos Santos, 73 anos aldeia Prata)

Antigamente os mais velhos tinham o maior cuidado para abrir uma sepultura, não deixando qualquer um abrir. Para abrir uma sepultura é bom beber um golinho de cachaça para a poeira não entrar dentro dos pulmões da pessoa. Porque aquela poeira traz muitas doenças. É sempre bom usar um dente de alho no bolso ou cheirar.

Quando estiver cavando a sepultura e encontrar algo, por exemplo, qualquer tipo de ossos, terço ou pedaço de cruz, deve-se tirar e depois que terminar colocar no mesmo lugar sem nenhum tipo de brincadeira.

A sepultura é começada a cavar no dia que a pessoa morreu e não pode ser cavada tudo pois tem que deixar 1 palmo sem cavar, tem que deixar para terminar de cavar no outro dia.

Quando terminar de abrir a sepultura as ferramentas como: pá, enxadas utilizadas devem serem colocadas dentro da sepultura e só pode tirar na hora que o corpo chegar para ser enterrado.

Para abrir uma sepultura são usadas umas varinhas para medir a profundidade da sepultura, essas varinhas são deixadas no cruzeiro. Para pecador a medida é de 7 palmos e para criança a medida 3 e meio a 4 palmo. A criança deve ser enterrada com a cabeça para a direção da cruz e o pecador, ao contrário, com os pés em direção a cruz para quando sua alma se levantar já se direcionar em rumo a cruz para saber que ele já morreu e pedir perdão pelos pecados cometidos em vida. E já a criança não precisara pedir perdão por que criança não tem pecado.

Quando morria uma pessoa, esse corpo era levado para o cruzeiro(cemitério) em uma rede. Com um tempo isso foi mudando. Hoje as pessoas estão sendo levada e enterrada em caixão, mas ainda hoje existem pessoas mais velhas que falam que não querem ser enterradas em caixão. Eles falam que querem ser enterrados como seus pais foram enterrados em rede.

Antigamente, quando adoecia uma pessoa, se fosse preciso levar pra cidade, essa pessoa era levada em uma rede, as pessoas iam carregando manualmente vez enquanto iam revezando e assim até chegar na cidade.

Nesse período, no nosso território não existia as rodagens, existiam apenas carreirinhos.

“-Eu não esqueço quando morria uma pessoa por aqui enterrava era na rede, não existia caixão, vei parecer caixão foi de uns tempos pra cá. Tudo era enterrado na rede, seadoecia uma pessoa, daqui pra ir pro brejo, era levado na rede.” (Natalina Seixas de Oliveira, 48 anos)

Quando morre uma pessoa que, durante o velório quando já está próxima da hora pra o caixão sair para o cruzeiro em algumas aldeias tem o habito de varrer a casa antes do corpo ir pro cruzeiro. Para isso tem toda uma ciência ao varrer a casa; somente neste dia que se pode varrer a casa com o cisco saindo pela porta da frente. Este cisco deve ser jogado pro rumo que sai com caixão, e fazendo essa ciência desse jeito não vai morrer gente daquela família tão logo.

“do Barrer a casa, barre na hora que bota a rede ca fora com a pessoa que ta , e começa barrer a casa de lá dento pra fora, e o sisco põe na vazinhinha e hora que saindo cum a rede, joga na saída que aquele num vai voltar mais, praque ele já vai na derradeira dispidida praque ele num vai voltar mais e tem que barrer a casa panha o corpo e põe cá fora e a barredeira barre e depois que sair cum corpo rente vai atraz e joga o cisco na boca camim.” (Santilia Gomes De Oliveira, 74 anos)



Em algumas aldeias há pessoas que acreditam que quando morre uma pessoa, depois do velório, assim que o povo sai, não pode varrer a casa, se não, o rastro das pessoas pode ir junto com o defunto, e mais gente pode morrer. Só pode varrer no outro dia. Não é todo mundo que segue esta ciência, tem uns que acreditam de outro jeito.



Figura 19 - Desenho de uma Mulher varrendo a casa, Setembro de 2019, Desenho feito por Célia

Antigamente as mulheres quando perdiam um parente tinha o costume de não pentear o cabelo durante 3 dias após a morte do parente, também não podia cortar o cabelo.

“Amuie pintia o cabelo cum 3 dia o cabelo num corta não! num pode corta logo não di primeiro tudo isso ta vendo que ta tento festa e si morrer um parente quando chega ali na festa aqueles parente já ta tudo dançando só que hoje num ta guardando mais nem 6 meses tudo isso e ciência.” (Santília Gomes de Oliveira, 74 anos)

Antigamente os homens usavam um corte de cabelo chamado muscarré e quando falecia alguém da família eles cortavam todo o cabelo ate ficar no casco que eles chamavam de cocos comidos.

“De primeiro os vei cortava o cabelo assim os cocos comidos porque ficava limpinha só ficava os casco limpava e num ficava negocio de...porque é aqui quem nem eu cortei aqui mais tinha um corte de cabelo que cortava e aqui deixava ele que chamava muscarré cortava tudo quando chegava aqui separava está parte.” (Dioclécio Gomes de Araújo 72 anos)

“Se morrer o pai ou morrer a mae se for um homem no período de 7 dias ou corta o cabelo baixinho ou então rapa o cabelo da cabeça.” (Pajé Deda)

Contam os nossos mais velhos que, quando a mulher fica viúva, se ela usasse o preto não podia arrumar outro marido porque a partir do momento que ela usasse o preto e arrumasse outro marido ela estava condenando o marido e isso faz com ele não tenha salvação para entrar no reúno do céu.

“Ea ai vinha um negócio a viúva se ela vestisse luto ela num podia ta namorando, o dia que ela namorasse tinha que largar ele, se não ela condenava o marido, então se ela tiver tensão de arrumar outro não pode vestir o luto, se vestir o luto tem que ficar pra sempre.” (Valdemar Ferreira dos Santos, 73 anos)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mortos também precisam de cuidado e respeito porque, mesmos depois de mortas, as pessoas continuam importantes. Existem regras que precisamos seguir, se não, podem acontecer coisas desagradáveis.

Para o povo Xakriabá, os espíritos continuam ajudando a lutar, dando coragem e nos livrando dos perigos. (Livro: nem tudo que se ver se fala ano 2013 povo Xakriabá).

Devemos guardar esse resguardo, porque antigamente tudo isso era respeitado e tudo dava certo, as pessoas viviam mais. Hoje, como não estão tendo esses cuidados em algumas práticas, as pessoas não estão aturando muito. Para algumas pessoas, os jovens não estão tendo algumas ciências, e coisas desagradáveis estão acontecendo no nosso território. Exemplo disso foi só suicídios que houve um tempo que estava acontecendo constantemente.

Para evitar que isso continue acontecendo é importante seguir o resguardo com todos os cuidados que foram falados pelos mais velhos durante a pesquisa.

1. Não bater o maracá respeitando-se a quantidade de tempo conforme o grau parentesco;
2. Não cantar cantos que falem da jurema, onça cabloca, do terreiro;
3. As mulheres não entrar no cruzeiro se estiver menstruada;
4. As mulheres não pentear os cabelos durante 3 dias e nem cortar;
5. Não usar roupas vermelhas respeitando-se o tempo adequado;
6. Não dar bênção e nem se despedir das pessoas vivas após o enterro ou então na hora que saírem do cruzeiro;
7. Não comer alimentos de rama;
8. Não comer coisas doces;
9. Não comer carne nenhuma;
10. Não tomar leite;
11. Não dançar antes de completar o período adequado conforme o grau de parentesco;
12. Não trabalhar durante os 7 dias;
13. Se caso a mulher usar o luto não pode arrumar outro marido;
14. Os homens tem que cortar o cabelo baixinho;

15. Não devolver os objetos que pegou emprestados durante o velório antes dos 7 dias;
16. Não enterrar o corpo antes de completar as 24 horas;
17. As rezadeiras não podem rezar espeitando-se a quantidade de tempo;
18. Não usar pinturas com a cor vermelha;
19. Os parentes não podem acompanhar o corpo durante o enterro;
20. Não varrer a casa depois que o corpo sair

Vamos retomar aqui uma narrativa de um de nossos entrevistados para encerrar este trabalho porque ela diz sobre a importância de aprendermos a cuidar dos mortos:

*“Até os dias de hoje já vieram dois falecidos amigos meu até a mim. O finado Refino e o finado Jacinto.*

*O finado Jacinto era muito amigo meu. Nós brincávamos demais!*

*Um certo dia, ele veio aqui em casa, entre uma conversa e outra, começamos a brincar. Ali ele falou pra mim:*

*- Deva o primeiro de nós dois que morrer, tem que vir pra falar pro outro se lá é bom ou não.*

*Ai falei:*

*- pode vir, Jacinto!*

*Quando foi um certo dia Jacinto veio em casa e nós conversamos muito, depois ele foi embora. Logo após fui deitar. Estava ali sossegado, já ali de madrugada chega meu sogro (louro) e mim chama...*

*- Deva!*

*- Oi!*

*- Vamos lá no riacho comprido?*

*- Fazer o que?*

*- Moço, Jacinto morreu!*

- É doido, moço, Jacinto saiu daqui já tarde da noite. Ele morreu?

- Morreu!

E aí passou uns 3 dias, ele veio, mais veio no sonho, ele veio não teve como me falar se lá é bom ou ruim. Mas não fez medo também não.

E o finado Refino eu era acostumado fazer a barba dele. Sempre que eu saía pra trabalhar e conseguia dinheiro eu comprava roupa para ele, eu levava ele no riacho e fazia a barba dele, dava banho nele. Ele era problemático.

Em um certo dia, ele morreu e eu estava na estraira, estava chovendo muito e eu vim para cá molhando na chuva para participar do velório dele, quando cheguei ainda ajudei a abrir a sepultura dele.

No terceiro dia, após o enterro dele, ele veio, chegou e me segurou aqui no pescoço, ele era muito meu amigo, mas ele não veio pra fazer medo em mim, ele veio como uma forma de brincar comigo pois nós éramos bons amigos.

Acho que Deus deu a eles um bom lugar, pois eles tiveram a oportunidade de vim até a mim, só que eles não me fizeram medo.”

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Anide; ARAÚJO, Ducilene; GONÇALVES, Vanilde. **Nem tudo que se vê se fala: Ciência, Crença e Sabedoria Xakriabá**. Literaterras, Fale, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada**. Dissertação de Mestrado, UNB. Brasília (DF), 2018.

CUNHA, Manoela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Cultura com aspás e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 301-310.

E NOSSA BIBLIOTECA VIVA!